

- **HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA**

**"DO ANALÓGICO AO DIGITAL: TÉCNICAS DE ANÁLISE DO SOM ESTUDADAS A PARTIR DA CRIAÇÃO DO ACERVO HISTÓRICO DO LABORATÓRIO DE FONÉTICA DA USP"**

*Rita de Cassia Benevides Demasi (USP)*

*Orientador(a): Beatriz Raposo de Medeiros (Universidade de São Paulo)*

O projeto de iniciação científica "Do Analógico ao Digital: Técnicas de Análise do Som Estudadas a partir da Criação do Acervo Histórico do Laboratório de Fonética da USP" aborda dois vieses lingüísticos: a fonética e historiografia lingüística.

Esse trabalho foi dividido em três estudos: o estudo 1 - pesquisa histórica sobre o Laboratório de Fonética da USP - esse foi fundamentado em uma pesquisa bibliográfica sobre as publicações referido laboratório. O estudo 2 - descrição funcional dos aparelhos antigos e montagem do catálogo - foi embasado no estudo dos respectivos manuais de instrução dos aparelhos.

O estudo 3 - análise das técnicas do registro sonoro - está voltado para a transformação do analógico em digital, e tem por objetivo avaliar e compreender as modificações provocadas na passagem do primeiro tipo de registro sonoro para o segundo, visando, especificamente a área da Fonética Experimental.

A partir desses três estudos, pretendeu-se recompor uma pequena parte da história para compreendermos melhor o presente. Assim, com a criação de um acervo histórico dos aparelhos, gerou-se um panorama histórico e informativo para a visitação dos demais interessados.

## **HISTÓRIA SOCIAL E FUNDAMENTOS GRAMATICAIS DO NHEENGATU, A LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA**

*Fernando Macena de Lima (MACKENZIE)*

*Orientador(a): Olga Ferreira Coelho*

Este trabalho sobre o Nheengatu, a Língua Geral Amazônica, procurou analisar aspectos importantes sobre a gramática e o processo de formação da língua considerando que ela é oriunda do Tupinambá. Para isso, foi necessário realizar uma pesquisa sobre a trajetória social das línguas indígenas brasileiras, partindo do trabalho de antropólogos e lingüistas. Cabe ressaltar que a língua é parte integrante da cultura do povo e, para analisá-la, foi preciso fazer uma retrospectiva histórica. Além disso, é extremamente importante compreender a organização das línguas indígenas do Brasil, descrita pelos estudiosos, em troncos que são : Tupi, Aruak, Jê, Karib. O Nheengatu pertence ao tronco Tupi e, por isso, foi analisado como as línguas desse tronco organizam-se com uma atenção maior ao Tupinambá, por ser a língua que deu origem ao Nheengatu. Por fim, a pesquisa pousou um olhar atento sobre a caracterização dos pronomes pessoais da língua na obra de alguns autores, para ilustrar como a formação e experiência de vida diversas influenciam no momento de caracterizar uma língua.

## **LÍNGUA NACIONAL: COMPARAÇÕES E SENTIDOS**

*Ana Paula Ferreira de Mendonça (UEL)*

*Orientador(a): Mariângela Peccioli Galli Joanielho (Universidade Estadual de Londrina)*

O presente trabalho está inserido no projeto "Para a história do português brasileiro: mudança lingüística e memória histórica", cujo objetivo fundamental é buscar compreender as relações existentes entre o sistema (a língua) e o imaginário sobre o sistema, ou seja, a relação entre a mudança na língua e uma memória constitutiva para esta mudança. O nosso propósito específico é analisar os sentidos da língua nacional em gramáticas do final do século XIX e início do XX, comparando-os com os que foram estabelecidos em artigos publicados nos periódicos que circulavam na imprensa brasileira nesse mesmo período, levando em conta a gramatização do português brasileiro, que, segundo S. Aurox (1992), consiste no processo de "descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje, os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário". Para a presente apresentação, serão analisados dois tipos de textos, nos quais buscamos verificar a concepção dos sentidos sobre o que seja a língua nacional.

## **LOGO E LOGO QUE: UM NOVO EXEMPLO DE GRAMATICALIZAÇÃO**

*Larissa Marchi da Silveira (UNESP)*

*Orientador(a): Prof<sup>ra</sup> Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi (UNESP- Campus de São José do Rio Preto)*

Essa pesquisa investigou, com base em fontes históricas do português, o processo de mudança lingüística pelo qual as partículas logo e que se combinaram para a formação da perífrase conjuncional logo que. O fenômeno enquadra-se no processo, iniciado no latim vulgar, de combinar a partícula que com palavras de diferentes categorias, sendo referido na literatura lingüística como um caso legítimo de Gramaticalização. Esta entendida nessa pesquisa como um tipo especial de mudança lingüística, marcada pela migração de itens de um domínio menos gramatical para um mais gramatical, acarretando principalmente alterações sintáticas e semânticas. Para investigar esse fenômeno, contemplamos objetivos específicos: descrevemos os correlatos formais e funcionais dos empregos adverbial e conjuncional do item logo, em dados do português contemporâneo, estabelecendo um quadro ilustrativo dos diferentes usos desse item; em seguida, buscamos uma confirmação histórica para a descrição sincrônica dos usos de logo, a fim de checar o princípio da unidirecionalidade e também os contextos que teriam propiciado as mudanças de categoria e sentido; por fim, levantamos as ocorrências de logo que nos corpora e as analisamos, dos pontos de vista formal e de sentido.

Assim, os dados permitiram a montagem de um cline unidirecional de gramaticalização, que revelou a multifuncionalidade do item: num extremo, acepções mais concretas, as de logo espacial (dêitico e fórico), encontradas nos séculos XIII e XIV, e no outro, acepções mais abstratas, dentre as quais as de tempo, as de marcador de quebra de expectativa, encontradas nos séculos posteriores e as de juntor conclusivo, verificadas nos últimos séculos. Isso também nos permitiu ratificar que, da perspectiva da gramaticalização, os itens migram de categorias menos gramaticais (advérbios) para categorias mais gramaticais (conjunções), juntamente com uma mudança que vai do mais referencial para o mais pragmático, estágio mais avançado do processo que traduz também as intenções dos falantes.

## **OS ANAGRAMAS DE SAUSSURE: SAUSSURE SOB SAUSSURE?**

*Karen Alves da Silva (UNICAMP)*

*Orientador(a): Maria Fausta Pereira de Castro (UNICAMP)*

Em um estudo realizado entre 1906 e 1909, Ferdinand de Saussure analisou um corpus de poemas clássicos para tentar provar a existência de um mecanismo de composição poética baseado na análise fônica das palavras; mecanismo este formado pelo anagrama e pelo hipograma.

O hipograma (palavra-tema) é o nome de um deus ou de um herói diluído foneticamente no poema. O anagrama, por sua vez, é o processo que propicia a diluição do hipograma nos versos. Saussure oscilou em relação à terminologia, porém, na maior parte de seu estudo, restringiu-se aos conceitos "anagrama" e "hipograma".

Paralelamente à pesquisa sobre os anagramas, Saussure elaborou a teoria do valor que, mais tarde, estaria presente no Curso de Lingüística Geral. Segundo esta teoria, a língua é um sistema formado por signos solidários entre si e o valor de um signo resulta da presença simultânea de outros signos, através de uma relação diferencial e negativa.

Em nosso projeto de iniciação científica - financiado pela FAPESP - que leva o mesmo título deste trabalho, refletimos sobre se e como a teoria do valor estaria presente no estudo dos anagramas. Para tanto, analisamos os postulados saussurianos sobre os anagramas e sobre a teoria do valor, dando especial enfoque à delimitação de unidades nestes estudos. Como conclusões finais, afirmamos que haveria dois planos de funcionamento nos anagramas: 1) O plano do sistema lingüístico, referente às relações de valor entre os signos no sistema de língua; e, 2) O plano anagramático (submetido ao plano lingüístico), referente às relações de valor entre os fonemas que compõem o hipograma. Além disso, a divisão dicotômica da obra saussuriana, colocando-se de um lado os anagramas e, de outro, as demais teorias lingüísticas, não pode ser categórica, pois "o curso é uma obra que não desmente os anagramas" (De Lemos; 1995).